

EDITORIAL

A proposta deste dossiê surgiu a partir de duas questões que consideramos relevantes: a necessidade de expressarmos o nosso sentimento de pertencimento ao movimento comemorativo do 100º aniversário do nascimento e 24º ano de falecimento do educador Paulo Freire; e de nos posicionar e resistir aos novos ataques que o seu nome tem sofrido desde que a presidenta Dilma Rousseff o proclamou como patrono da educação brasileira em 2012.

Importante destacar que as incursões freireanas não são novas e tampouco recentes, mais atuais. Tiveram seu início nos fins dos anos 50 do século passado e começo da década de 1960, momento em que o educador vivenciou a educação popular e realizou as primeiras iniciativas de conscientização política do povo brasileiro, considerando a emancipação social, cultural e política das classes sociais excluídas e oprimidas.

Compreendemos que as manifestações desde 2018 contra nosso mestre homenageado mostram que os setores conservadores continuam tão reacionários quanto na época da ditadura implantada com o golpe de 1964. Essa lógica perversa que após a promulgação da Constituição Federal de 1988, encontrava-se de forma velada no seio social, se mostra de forma atrevida e descarada, apoiada pela necropolítica.

Paulo Freire deixou imensurável tributo para novas gerações, para educação e para as demais áreas – tornando-se imortal pelas ações que realizou e pelas obras publicadas, que a despeito de tratarem de contextos anteriores, se revelam atuais, dentre elas *Pedagogia do oprimido*, traduzida em mais de 50 línguas. Isso se coaduna com sua frase: “Não é no silêncio que os homens [as mulheres] se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão [ação]” (FREIRE, 1987, p. 78, acréscimo nosso).

O dossiê reflete as ações de pesquisadores/as pertencentes a distintos espaços geográficos do Brasil, mas que estão interligados pela epistemologia freiriana e que não ficaram/ficam no “silêncio”, tornando-se omissos, mas que optaram em alargar as suas

participações – usando a palavra escrita – que se constituem em obras humanas mostrando as suas intersubjetividades emancipatórias.

Nesse sentido, este número da Revista Educação e Emancipação envolve diferentes trabalhos científicos originais que testemunham a Educação para Pessoas Jovens e Adultas e sua relação com a Educação Popular, destacando seus sujeitos analfabetos ou pouco escolarizados – homens e mulheres – como sujeitos de direitos, produtores de culturas, *praticantespensantes* (OLIVEIRA, 2012) ou, ainda, como lembrou Certeau (1994), “heróis/heroínas anônimos/anônimas” que taticamente constroem as relações sociais, em redes de cooperação, solidariedade e afetos, com o objetivo precípua de terem seu direito à educação assegurado e do acesso à permanência na escola, caracterizada não só como “ficar”, mas também transformar-se: *Ser Mais*.

Os artigos evidenciam o diálogo entre as práticas educativas com a prática social dos sujeitos, ou seja, considerando o *dentrofora* do ambiente escolar, na interlocução com os cotidianos – que não se repetem – das pessoas consolidando processos amplos de valorização das identidades culturais dos educandos, assim como seus saberes, tendo em vista o entendimento da cultura no seu sentido antropológico. Isto é, aquela que emerge das práticas cotidianas sublinhando, sobretudo, a cultura construída nas redes cooperativas dos meios populares.

Trazem também os escritos as convicções que suportam argumentos de incontornável solidez teórica e política, como: o direito à educação para todos/as os sujeitos, de todas as culturas, e em todas as idades; a constatação de que as mudanças nas diferentes comunidades e sociedades podem ocorrer em resultado das transformações individuais e coletivas em diálogo com outras políticas sociais.

No conjunto de produções, o dossiê contempla artigos científicos originais que testemunharam a relação da Educação de Pessoas Jovens e Adultas incluídas nas práticas educativas orientadas para a construção de sociedades que resultem em maior participação de todas as cidadãs e todos os cidadãos, por meio do respeito às diferenças de sexo, raça, cultural, dentre outras.

Além deste conjunto profícuo de estudos, este número da Revista Educação e Emancipação ainda contém sessão de Entrevista, realizada com a convidada Professora Doutora Eliete Santiago da Universidade Federal de Pernambuco, também pernambucana, que nos presenteia com um profícuo e bonito diálogo que versa sobre a sua relação com o professor Paulo Freire, de quem foi orientanda e estabeleceu laços que ultrapassaram a epistemologia. Para fechar esta edição sobre o legado de Paulo Freire, este número da revista contém ainda a resenha do livro Cartas à Cristina, de autoria do nosso homenageado Patrono da Educação brasileira. A resenha construída pelo professor Marcos José de Castro Guerra é um - significativo convite à leitura e a reflexão sobre o nosso homenageado pela tessitura da sua escrita, tessitura essa, traçada por Guerra que realça a boniteza expressada na sua palavra escrita sobre a obra já mencionada, assim Guerra nos permite enxergar e reconhecer mais uma das facetas da genialidade de Paulo Freire.

É importante dizermos ainda que refletir em meio a uma conjuntura como a deste ano de 2021 é um desafio, uma vez que, além das dificuldades impostas pelo cenário inóspito provocado pela contaminação do Coronavírus (Sars-Cov-2) ao nível de pandemia da Covid-19, em todo mundo, que vem se estendendo desde 2020, precisamos enfrentar questões conjunturais provocadas pela governança do nosso país, a partir de 2018, que atravessam a materialidade do trabalho e da vida de todos nós. Essas questões alcançam nossa subjetividade com ações que tentam anteparar de forma perversa e imaginável o desenvolvimento da ciência, da cultura e do conhecimento, bem como, os assaltos constantes aos direitos da classe trabalhadora, em particular dos educadores, direitos historicamente construídos com os esforços e lutas.

Considerar que um dos prismas pelos quais se pode ver a desconstrução de garantias sociais é o da desconstrução da pesquisa e da ciência faz com que organizar e divulgar conhecimento sobre Educação de Pessoas Jovens e Adultas, configurando neste cenário a herança de Paulo Freire, seja uma forma também de resistência, as tentativas de esvaziamento dos nossos direitos.

Aprofundar o conhecimento sobre o vivido, possibilitar a controvérsia, alimentar a criatividade, a partir do conhecimento sistemático e rigoroso são formas de manter a perspectiva de esperança (categoria que encontra robustez nas premissas freireanas), que traduz muito bem o verbo esperar, em uma sociedade com possibilidades de desenvolvimento humano, em que a ciência o conhecimento, a cultura e a classe trabalhadora sejam valorizados, tendo acesso aos bens sociais e culturais como a educação.

Esperamos que a leitura do dossiê neste número da Revista seja um convite à continuidade das pesquisas e dos diálogos.

Os organizadores,

Edinólia Lima Portela

Luís Alcoforado

Marinaide Freitas

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. **O currículo como criação cotidiana**. Rio de Janeiro: DP & Alii, 2012.